

**Título:** Instituto alerta para eventos climáticos

**Veículo:** Diário do Comércio

**Data:** 28/12/2023

## *Instituto alerta para eventos climáticos*

**São Paulo** - O Brasil precisa se preparar, de forma organizada e urgente, para eventos climáticos extremos cada vez mais frequentes que podem tornar vulnerável seu setor elétrico fortemente dependente da geração a partir de recursos naturais, segundo avaliação do Instituto Acende Brasil.

Um estudo da organização especializada no setor elétrico aponta que adaptações para garantir a resiliência das operações de geração, transmissão e distribuição de energia são necessárias e, em geral, não trariam custos elevados aos consumidores.

A preocupação com o tema ganhou relevância depois de o País ter enfrentado, em 2023, vários eventos climáticos que impactaram o setor elétrico, como fortes tempestades no Sul, ondas de calor que elevaram a carga de energia a recorde e temporais em São Paulo e Rio de Janeiro que deixaram milhões de consumidores sem luz.

E a expectativa é de que novos eventos climáticos extremos

possam ocorrer no verão de 2024, segundo meteorologistas consultados pela Reuters.

Um dos principais pontos de atenção, segundo o Acende Brasil, está no setor de geração de energia, que precisará investir em previsões mais precisas não só para os regimes de chuva, que afetam a produção das hidrelétricas, mas também de ventos e insolação, haja vista a forte expansão das fontes renováveis.

“Para quem está operando o sistema elétrico, o desafio é (saber) em que momento a geração vai ser alterada”, destacou o diretor de Assuntos Socioambientais e Sustentabilidade do Instituto Acende Brasil, Alexandre Uhlig.

“Nos regimes de chuvas você já tem uma boa flexibilidade e eles são menos variáveis... Já nos regimes de ventos, você tem variações que chegam a 1.000 megawatts só com alterações em um curto espaço de tempo, é uma quantidade gigantesca de energia.”

O presidente do institu-

to, Claudio Salles, ressaltou que o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) precisará ter mais flexibilidade para gerenciar as fontes com geração variável, sobretudo eólica e solar, com “sistemas de segurança”.

Esses sistemas podem ser tanto as fontes despacháveis já conhecidas do setor – aquelas que podem ser acionadas a qualquer momento sob demanda, como hidrelétricas com reservatórios e termelétricas a gás e biomassa –, como também baterias no futuro, quando seus custos forem mais acessíveis.

Salles observou que esses mecanismos se tornam ainda mais necessários para atender os picos de carga, quando o sistema é mais demandado pelos consumidores e o ONS precisa responder de forma rápida para garantir que não falte energia.

Neste ano, o Brasil vem convivendo com níveis elevados de carga desde setembro devido a ondas de calor. **(Reuters)**